

Do berço ao beco: homossexualidade, preconceito e resiliência na dinâmica familiar

From the cradle to the alley: homosexuality, prejudice and resilience in family dynamics

Wesley Frank da Silva Oliveira

Graduando do curso de Psicologia (UNIPAM).

E-mail: wesleyfrankoliveira@hotmail.com

Joana Darc dos Santos

Mestre em Psicologia, professora orientadora (UNIPAM).

E-mail: jodasa@unipam.edu.br

Resumo: O presente estudo buscou analisar a percepção de famílias que possuem membros homossexuais. Para alcançar tal objetivo, foi feita uma entrevista semiestruturada com 10 familiares. Os dados da entrevista foram gravados e transcritos para uma posterior discussão, que teve como base a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2004). Os resultados, agrupados em categorias adaptadas do inventário Folkman e Lazarus (1985), correspondem ao conjunto de estratégias utilizadas pelos familiares para adaptarem-se à revelação acerca da homossexualidade de um dos membros da sua família. Verificou-se que o preconceito é uma realidade comum nas famílias pesquisadas e que este se dá no momento da descoberta da homossexualidade, gerando um desequilíbrio na ordem familiar. Além disso, observou-se, também, um afastamento dos familiares, o que deixa claro o despreparo e a dificuldade das famílias na aceitação dos homossexuais. Em contrapartida, percebe-se um esforço dos entrevistados para adaptar-se à realidade homossexual, o que aponta para a resiliência e reorganização da dinâmica familiar.

Palavras-chave: Homossexualidade. Dinâmica familiar. Preconceito. Resiliência.

Abstract: The present study aims to analyze the perception of families with homosexual members. To achieve this goal, there was a semi-structured interview with 10 family members. The interview data were recorded and transcribed for further discussion, which was based on content analysis proposed by Bardin (2004). The results grouped into categories adapted from the inventory by Folkman and Lazarus (1995), correspond to the set of strategies used by family members to adapt to the revelation about homosexuality of one of their family members. It was found that prejudice against homosexual occurs at the time of "discovery" and generates an "imbalance" in the family order. Moreover, it was also observed a departure from the family, which makes clear the unpreparedness and the difficulty of acceptance of gay families. On the other hand, it is noticed an effort of respondents to adapt themselves to the homosexual reality, which points to the resilience and reorganization of the family dynamics.

Keywords: Homosexuality. Family dynamics. Prejudice. Resilience.

1 INTRODUÇÃO

O preconceito possui raízes complexas, pois parte de fatores culturais e sociais. Dessa forma, o estudo da família como um grupo torna-se fundamental, porque é partindo da análise dos grupos que certos comportamentos serão avaliados. No que se refere à homossexualidade, foco do presente trabalho, nota-se que, apesar dos avanços acerca da compreensão da sexualidade humana, ainda há muito a ser questionado sobre o posicionamento da sociedade em relação a essa realidade.

É de extrema importância, portanto, que se priorizem os questionamentos que compõem a aplicação prática desse desenvolvimento no cotidiano. Por essa razão, o estudo possui um caráter social, que consiste no desenvolvimento de uma pesquisa que discuta o modo como o preconceito afeta os segmentos sociais, dentre esses, a família.

Nesse contexto, o tema é extremamente relevante, já que discorre sobre a orientação sexual e a importância do respeito à liberdade do indivíduo, como um bem que não lhe pode ser negado, pois a própria lei dá essa garantia a todos. Assim, a reflexão acerca do assunto pode propiciar, no âmbito social, atitudes que demonstrem mais sensibilidade a tais questões, principalmente quando as mesmas correspondem à dignidade e vida humana.

Partindo-se da hipótese de que os homossexuais possuem interações sociais específicas, pode-se fazer o seguinte questionamento: como a família percebe e concebe a questão da homossexualidade de um de seus membros?

Por meio das vivências narradas nas entrevistas, são observadas as implicações do mesmo nas relações familiares. Dessa forma, o estudo do processo grupal, que aqui se deu por entrevistas com familiares de homossexuais e por discussão tendo como base a Análise do Discurso (BARDIN, 2004), torna-se fundamental, pois é partindo da análise dos grupos familiares e de sua dinâmica que se evidenciam, num primeiro momento, as relações entre a homossexualidade e a sociedade.

Conforme Santos (2004), a família pode ser compreendida como um espaço privado, doméstico, em que valores, papéis de gênero, constituição de gênero, além de preconceitos, interdições e tabus são instaurados, construídos, reafirmados ou refutados. No caso do presente estudo, são expostas, por meio de categorias, as configurações familiares e os arranjos adotados diante da homossexualidade.

2 PRECONCEITO À HOMOSSEXUALIDADE E FAMÍLIA: TECENDO CONSIDERAÇÕES

A literatura acerca do preconceito à homossexualidade (homofobia) é bastante ampla. Tal fato demonstra a preocupação dos pesquisadores e teóricos em abordar essa realidade que, nas últimas décadas, tem ganhado espaço nas discussões, demonstrando aspectos, até então pouco falados, do comportamento sexual humano.

Para Lane (2006), o indivíduo, na sua relação com o ambiente social, interioriza o mundo como realidade concreta, subjetiva, na medida em que é pertinente ao indivíduo em questão, e que, por sua vez, se exterioriza em seus comportamentos. Essa interiorização-exteriorização obedece a uma dialética em que a percepção do mundo se

faz de acordo com o que já foi interiorizado, e a exteriorização do sujeito no mundo se faz conforme sua percepção das coisas existentes. Diante disso, a autora observa que,

assim, a capacidade de resposta do homem decorre de sua adaptação ao meio no qual ele se insere, sendo que as atividades tendem a se repetir quando os resultados são positivos para o indivíduo, fazendo com que estas atividades se tomem habituais. Segundo a autora, todos os processos de formação de hábitos antecedem a institucionalização dos membros, esta ocorrendo sempre quando as atividades tomadas hábitos se amoldam em tipos de ações que são executadas por determinados indivíduos. Assim, a instituição pressupõe que, por exemplo, o dirigente e o funcionário ajam de acordo com as normas estabelecidas, e assim por diante. É importante notar que essas tipificações são elaboradas no curso da história da instituição, daí só se poder compreender qualquer instituição se aprendermos o processo histórico no qual ela foi produzida. Também é importante ressaltar o fato de que, quanto mais solidificados e definidos forem esses padrões, mais eficiente se torna o controle da sociedade sobre os indivíduos que desempenham esses papéis. (LANE, 2006, p. 83)

Sob esse aspecto, Lacerda (2002) observa que, classicamente, o preconceito tem sido estudado como uma característica psicológica do indivíduo: uma frustração reprimida e deslocada para grupos mais fracos, desenvolvimento de um tipo de personalidade autoritária, pouca disposição e abertura mental e falta de contatos com membros de grupos minoritários. Segundo o autor,

partindo do suposto de que a homossexualidade e o preconceito contra homossexuais são construções sócio - históricas acredita-se que o estudo das representações sociais que as pessoas têm feito da homossexualidade permite entender a existência de diversas formas de preconceito. Assim, faz-se necessário descrever as explicações que têm sido formuladas, durante a história, pelas diversas sociedades. (LACERDA, 2002, p. 167)

É nesse sentido que Lane (2006) destaca que o mundo social e institucional é visto como uma realidade objetiva, concreta, esquecendo-se que essa objetividade é produzida e construída pelo próprio homem. Assim, o preconceito nasce, de acordo com Mott (1998), da manifestação cultural. Diante disso, segundo o autor, a sexualidade humana é uma construção social e, como tal, embora satisfaça uma necessidade humana básica e universal, “a busca do prazer sensual - sua configuração é sempre particular e subjetiva, e sua ética dependente dos valores idiossincráticos da sociedade que a prática” (p. 63).

Conforme o autor, é por essa razão que a Antropologia afirma que não existe uma moralidade universal e objetiva na espécie humana. É baseado nesses pressupostos que o artigo pretende propor uma reflexão acerca do preconceito contra a homossexualidade. Sobre o assunto, Mott (1998) faz a seguinte reflexão:

a intolerância anti-homossexual no Brasil não fica nada a dever às torturas inquisitoriais: nos arquivos do Grupo Gay da Bahia há dezenas de registros de meninos e adolescentes que sofreram todo tipo de violência física quando seus pais descobriram que eram veados: humilhação, insultos, espancamento, expulsão de casa [...]. (p. 78)

Segundo Trevisan (2002), o preconceito contra a homossexualidade nasce, no Brasil, dos ideais de tradição patriótica e dos valores patriarcais, nos quais as elites brasileiras sempre se apresentam muito defensivas e, por isso, particularmente vulneráveis ao fantasma do desejo desviante. Nesse sentido, tornam-se permeáveis ao pânico homofóbico na mesma proporção com que zelam pela estrita observância das normas morais, “que são aspirações legítimas da família e da sociedade” (p. 157). O autor ainda ressalta que

são também essas elites que reorganizam continuamente a moldura da repressão sexual, de maneira sutil ou não, na vida brasileira. Às vezes criando uma densa muralha de justificações teóricas (vide os cultores da psiquiatria), às vezes disseminando em doses homeopáticas preceitos de naturalidade e normalidade, os grupos oligárquicos estão envolvidos em atividades que têm coibido incansavelmente a atividade homossexual entre os brasileiros, no passado e no presente. (TREVISAN, 2002, p. 157)

Já Facco (2006) destaca que a intolerância à diversidade sexual, denominada homofobia, parece ter adquirido contornos mais tênues nos últimos anos – o que não torna a discriminação menos dolorosa para quem é vítima desse tipo de violência. A própria legislação admite que o preconceito contra o homossexual é crime.

De acordo com Amaral (2003), quem for vítima de preconceito e discriminação e tiver violados os direitos individuais que lhe são assegurados constitucionalmente pode pleitear indenização de seu ofensor, com base no Código Civil.

Se a Constituição Federal estabelece em seu artigo 5º que todos são iguais perante a lei, aquele que for tratado de forma discriminatória poderá vir a sofrer danos morais que se caracterizam pela dor, o espanto, a emoção, a vergonha, a injúria física ou moral, em geral uma dolorosa sensação experimentada pela pessoa, atribuída à palavra dor o mais largo significado. Os danos morais são aqueles que repercutem sobre os bens da personalidade e não sobre os bens patrimoniais, causando à vítima, dentre outras coisas, humilhação, sofrimento e vexame e aquele que os causou tem obrigação de indenizar aquele que foi vitimado (AMARAL, 2003, p. 91).

Nesse sentido, ao fazer uma abordagem do preconceito contra o homossexual, é importante destacar que o papel do psicólogo é fundamental para a conscientização dessa realidade. De acordo com Guimarães (2007), em março de 1999, entrou em vigor a Resolução nº 001/99, do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que reitera que a

homossexualidade não constitui doença, distúrbio nem perversão, e, por isso, os psicólogos deverão contribuir para a reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas e que esses profissionais não devem colaborar com eventos e serviços que proponham tratamento e cura da homossexualidade.

Além disso, para uma compreensão das relações na contemporaneidade, é necessário destacar a experiência do sujeito nesse contexto que representa o que se pode chamar de uma experiência subjetiva vazia. Ou seja, o sujeito imerso no preconceito não consegue transformar dor em sofrimento, isso se deve à impossibilidade de interlocução do sujeito que, lançado na vida nua e no mundo sem sentido, se afunda na depressão (BIRMAN, 2007).

Ao analisar o papel da família na contemporaneidade, conforme Roudinesco (2005), é fundamental que antes se observe os processos que levaram à construção dessa instituição tal como ela é hoje. Para a autora, podem ser distinguidos três grandes períodos na evolução da família: o primeiro corresponde-se à família tradicional, que serviu para assegurar a transmissão de um patrimônio, o segundo à família moderna, que foi fundada no amor romântico e por meio da divisão do trabalho entre os esposos. Por fim, o terceiro período é o da família contemporânea, que une, ao longo de uma duração relativa, dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual.

A autora também destaca que a família atual é retraída pelas debilidades de um sujeito em sofrimento e vem sendo cada vez mais dessacralizada: “a família de hoje é mutilada, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas e de lembranças recalçadas” (p. 21).

Ainda sobre a família, Costa (2005) ressalta que esta, a fim de cumprir as exigências sociais, passou a operar duplamente como formadora de cidadãos iguais, mas por meio de pessoas desiguais e a formar sujeitos realizados, por meio de consciências infelizes. Para o autor, “a dignidade da mesma constituiu-se por meio de alicerces precários que possibilitaram o desencadeamento do mal-estar contemporâneo” (p. 19).

Para Birman (2007), esse mal-estar se justifica pela vivência em mundo perturbado e conturbado diante do qual nossos instrumentos interiores interpretativos ficam bem aquém da agudeza e da rapidez dos acontecimentos.

Todavia, mesmo diante desse mal estar, é a família que constitui independente do tipo de configuração que apresenta o ambiente naturalmente responsável pela garantia de pertença e promoção da individualização do sujeito. É no contexto familiar que é criada a necessidade de autonomia e individualidade, que é a base da elaboração da identidade de cada um de seus membros (ARAUJO, 2007).

No entanto, no que se refere à orientação sexual, Winck (2009) ressalta que a questão do gênero acompanha a trajetória histórica das relações familiares. Pautadas no patriarcalismo e numa moral na qual o sexo é visto com fins reprodutivos, as relações familiares excluíram de suas configurações questões que fogem dessa premissa que representam, de acordo com o autor, um imprevisto, mesmo sendo elas responsáveis por funções fundamentais, como promover bem-estar e a sensação de segurança.

Ainda para o autor, sendo a família apresentada em seu papel estrutural, como formadora de caráter, valores e condutas, dentro de um determinado padrão cultural e religioso, tudo que se manifesta de forma diferente é recebido com estranheza e resistência. Muitas vezes, na descoberta da orientação sexual do filho, as famílias somatizam ou expressam angústia, preferindo ver o filho afastado a encarar de forma solidária e suportiva essa realidade.

3 METODOLOGIA

Quanto à abordagem, pode-se dizer que a pesquisa é qualitativa, pois se pauta na análise de conteúdo, conforme a proposta de Bardin (2004). A análise do conteúdo é usada quando se quer ir além dos significados, da leitura simples do real. Aplica-se a tudo que é dito em entrevistas ou depoimentos. Na perspectiva de Bardin (2004), é fundamental que o momento seja compreendido como uma prática reflexiva que acompanhe todos os momentos de realização da pesquisa, desde a formulação do objeto até a técnica de investigação, pois a metodologia da análise de conteúdo não se resume a uma técnica de investigação, pois se pretende realizar como uma prática reflexiva construída pela negociação de saberes, interesses, discursos e práticas entre indivíduos.

Segundo Silva (*apud* MINAYO, 2000), reconhecer grupos específicos, situações particulares e universos simbólicos engloba aspectos essencialmente qualitativos como propriedades inerentes. A pesquisa qualitativa, nesse sentido, surge como uma forma de conseguir fazer com que tanto pesquisado quanto pesquisador sejam ativos na pesquisa, já que ambos observam e compreendem a realidade em sua complexidade e subjetividade, compreendendo os fenômenos de uma maneira mais ampla.

Para melhor traçar o perfil dos familiares e observar a relação destes com a homossexualidade, foram entrevistados 10 (dez) familiares que possuem homossexuais declarados como parentes.

A escolha dos entrevistados incluídos na pesquisa se deu por conveniência. São maiores de 18 anos, apresentam em sua família um homossexual declarado e se disponibilizaram a participar do estudo, concordando com as exigências da pesquisa, formalizando sua aceitação mediante a assinatura do Termo de Consentimento.

Em relação aos cuidados éticos, os participantes foram informados que os dados obtidos seriam mantidos em caráter confidencial, sendo garantido o sigilo e anonimato, visando, assim, salvaguardar os direitos dos sujeitos envolvidos. Esse trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM.

A quantidade de entrevistados seguiu o critério de flexibilidade com possibilidade de inclusão progressiva, sendo o total estabelecido por meio do critério de saturação. Esse critério, na pesquisa qualitativa, é atendido quando, ao fim de certo número de entrevistas, ocorre a repetição de dados, configurando-se uma estrutura comum sobre o fenômeno estudado (MINAYO, 2000).

Como instrumentos para obtenção dos dados, foi aplicada uma ficha de informações para caracterizar os sujeitos quanto à idade, sexo, estado civil e grau de parentesco. Outro instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada elaborada

pelo pesquisador e gravada individualmente, para ser transcrita noutra momento. Como se trata de um estudo qualitativo, a entrevista oral se apresentou como o melhor instrumento, já que, por meio dela, pode-se analisar a emoção, a percepção e a subjetividade do entrevistado de forma reflexiva, porém concisa (MINAYO, 2000).

Para a análise, optou-se por categorizar as respostas tendo como parâmetro o inventário de Folkman e Lazarus (1995). Tal inventário foi adaptado, sendo escolhidas as categorias que melhor se enquadravam ao conjunto de estratégias utilizadas pelos familiares entrevistados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da percepção da família sobre a homossexualidade foi possível a partir da aplicação de uma entrevista que priorizou a história oral de cada entrevistado. Dessa forma, o conteúdo analisado refere-se aos depoimentos e à descrição dos eventos e sentimentos vivenciados pelos mesmos. As características sociodemográficas desse grupo encontram-se compiladas, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1: Dados dos entrevistados

Entrevistado	Sexo	Idade	Profissão	Grau de Parentesco com o homossexual
E01	Feminino	20 anos	Estudante	Irmã
E02	Feminino	24 anos	Profissional liberal	Irmã
E03	Feminino	31 anos	Atendente	Irmã
E04	Feminino	50 anos	Comerciante	Irmã
E05	Masculino	37 anos	Comerciante	Tio
E06	Feminino	28 anos	Diarista	Cunhada
E07	Feminino	52 anos	Servidor Público	Mãe
E08	Feminino	43 anos	Comerciante	Irmã
E09	Feminino	50 anos	Engenheira	Tia
E10	Masculino	54 anos	Motorista	Pai

Fonte: Entrevistas (2013).

Para expor as percepções dos familiares descritos no quadro 1, optou-se, a fim de tornar mais claros os dados provenientes da pesquisa, por adaptar as categorias propostas por Folkman e Lazarus (1995) que, em seu inventário, discorrem sobre as estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se a circunstâncias adversas. Já para Savoia (1996), as variáveis descritas no inventário descrevem os esforços despendidos pelos indivíduos para lidar com situações estressantes, crônicas ou agudas e têm se constituído em objeto de estudo da psicologia social, clínica e da personalidade, encontrando-se fortemente atrelado ao estudo das diferenças individuais. Considerando a amplitude das respostas obtidas nas entrevistas e

submetendo-as à Análise do Conteúdo, foi possível estabelecer uma correlação entre as histórias narradas e as variáveis propostas.

4.1 Confronto e suporte social

Conforme Soliva (2010), a homossexualidade quando descoberta pelos familiares torna-se um problema enfrentado tanto pela família quanto pelo homossexual. As experiências que se inscrevem na relação homossexual/família, dificultam a ação política de assumir a homossexualidade no grupo doméstico. Para o autor, a maioria das famílias não consegue proporcionar a esses sujeitos uma sensação de acolhimento que, convencionalmente, essa instituição deveria gerar.

Para Sarti (2004), essa dificuldade também pode estar relacionada com o fato dos próprios pais ou outros membros da família não se sentirem à vontade ou capazes de lidar com seus próprios medos ou “demônios” ligados a temas mais íntimos como sexualidade.

Nas entrevistas, observou-se que o momento de confronto com essa realidade em grande parte é adiado, o que mostra a dificuldade dos familiares em trazer à tona, ou mesmo discutir sobre o assunto.

E03: [...] Na verdade a gente sempre sabe, mas espera que a pessoa fale. Foi o que aconteceu. Chegou um momento que ele disse abertamente. Na verdade ele ficou como bissexual, mas essa diferença é um pouco relativa.

E02: [...] No começo achei que seria muito errado porque minha família condenou demais como se fosse uma coisa muito errada. A minha irmã namorava escondido, saía escondido, tudo era escondido. Achava que era errado demais, não tinha conhecimento sobre homossexualidade.

E04: Eu fui a primeira a saber de nós de casa. Por mais que ele tenha me dito eu disse para ele que já sabia, mas a gente fica abalada. Não pelo fato dele ser homossexual, mas por pensar que ele vai sofrer por causa das pessoas e do mundo em relação ao preconceito e com isso fiquei pensativa e também preocupada com os meus pais para ser sincera, porque seria um choque maior para eles.

E05: [...] Pelo jeito diferente, desde quando ele era pequeno, foi pelo jeito dele de gostar de coisas diferentes que um menino da mesma idade gostava no caso, né? O serviço, assim, as coisas que ele gostava de fazer, foi crescendo assim, a gente via, mas ninguém falava nada né? Até ele se descobriu por si próprio.

Nas falas, observa-se que a família tem conhecimento ou “desconfia” da homossexualidade de seu membro, no entanto prefere se calar. Para Soliva (2010), é a família quem observa atentamente os comportamentos do sujeito, até mesmo se esse corresponde ou não ao sexo ao qual pertence. É ela quem imprime as primeiras

interdições e prescrições do tipo ideal de desempenho de gênero a ser seguido. Mesmo assim, diante de indícios relacionados à homossexualidade, o grupo doméstico tende a operar um rígido movimento de repressão baseado na autoridade familiar. No caso das falas dos entrevistados, observa-se que a estratégia utilizada corresponde-se ao silêncio interdito.

Tal silêncio, no entanto, é rompido somente quando o sujeito homossexual resolve assumir-se como tal. A partir desse momento, as famílias entrevistadas mostraram diversos sentimentos: condenação, resiliência, surpresa, entre outros. O que pode ser constatada, também, é a prevalência do poder familiar sobre seus membros.

De acordo com Carneiro (2008), a família tornou-se uma instituição privilegiada para que se traçasse a linha divisória entre o que seria normal e patológico em relação à sexualidade, atuando sobre os corpos e dominando a vida das pessoas, manifestando-se na identificação dos corpos, no incentivo e na proliferação de práticas sexuadas consideradas lícitas, e esse binarismo acaba por legitimar a hegemonia da família heterossexual, o que dificulta, no seio familiar, qualquer tipo de prática sexual que não esteja em consonância com esse modelo.

4.2 Afastamento, fuga e esquiva

Outro aspecto recorrente nas entrevistas que permitiu uma categorização foram os comportamentos referentes ao afastamento, fuga e esquiva, apresentados pelos familiares em relação ao homossexual. Tais estratégias, segundo Damião *et. al.* (2009), correspondem-se às estratégias de defesa, mais especificamente o afastamento, em que o indivíduo evita confrontar-se com a ameaça, negando a situação, conforme se observa nos trechos que seguem:

E10: Nunca quis saber da vida do meu filho. Ele já foi até noivo e isso me confortava, mesmo sabendo que lá no fundo ele era assim. Quando resolveu se assumir não briguei, mas também preferi ficar na minha. Não gosto de me envolver nesses assuntos dele. Nem quis saber dessa história [...]

E04: Eu tentei encarar a vida da melhor forma possível. Confesso que no início não tinha muito abertura para conversar com ele sobre isso. Era um pouco difícil. Tinha medo de falar e dizer alguma coisa que magoasse, não sabia bem.

Pode-se observar, também, no discurso dos familiares, um comportamento de fuga e esquiva, que consiste em fantasiar sobre possíveis soluções para o problema para escapar e/ou evitar o fator estressante (DAMIÃO *et. al.*, 2009).

E04: [...] às vezes as pessoas perguntavam e quando ele assumiu ficava mais a vontade e com isso perguntavam. Às vezes eu sorria e não conversava.

E06: Então, eu não gostava, eu não gostava que eles falassem, entendeu? Mais nenhum momento, assim, não quis, nem abria, nem falava nada, sempre fiquei muito na minha, sempre fiquei muito fechado, calado assim, eles ficavam falando, eu ficava quieto, mas não gostava que falava mal.

E03: Num sei, em relação assim aos outros familiares, até porque eu não converso com ninguém a respeito disso né? Cada um tem sua opção e pra mim [...] eu não me intrometo, nem falo nada, eu nem gosto de ficar conversando com os outros assim, parentesco [...]

E08: Porque na minha família tem muita gente que não aceita. Que a minha irmã está fazendo uma coisa errada. Tem uma tia que é muito preconceituosa e infelizmente a filha desta tia também é homossexual. Ela falou para a gente só que ainda não contou para a sua mãe por causa das críticas que ela faz em relação a minha irmã. Teve uma festa de família na casa desta tia e minha irmã levou a namorada.

Averigua-se, diante do exposto pelos entrevistados, que o afastamento, fuga e esquiva contribuem para a harmonização da relação entre o sujeito homossexual e seus respectivos familiares. O fato de evitar, de permanecer em silêncio, de não querer saber, revela a dificuldade dos familiares em lidar com a situação. Ao contrário do que se pensa, nem sempre o silêncio sinaliza para o respeito em relação ao homossexual. O “não falar” pode ser interpretado como um modo de se levar a situação. Ou seja, se no momento do confronto há uma revelação, num próximo momento o assunto é evitado novamente.

Essa dificuldade revela o preconceito existente nas relações entre famílias e homossexuais. Para Rodrigues (2005), algumas correntes psicológicas veem tais atitudes como decorrentes dos processos tradicionais de aprendizagem, já outras as veem como resultantes da busca de coerência entre “afetos, cognições e comportamentos” (p. 62). Nesse sentido, ele destaca que

podemos exibir uma atitude preconceituosa contra determinado grupo porque fomos recompensados quando manifestamos um afeto negativo em relação a tal grupo e nos puniram quando fizemos o contrário. Também o tipo de personalidade pode nos levar a exibir certas atitudes. Uma criança criada numa atmosfera altamente autoritária tende a desenvolver uma personalidade igualmente autoritária e a exibir atitudes e comportamentos típicos deste tipo de personalidade (exercício da autoridade, submissão às pessoas em posição de autoridade, preconceito contra pessoas que não pertencem a seu grupo, etc.). E, finalmente, muitas de nossas atitudes decorrem de um exame frio e calculado da relação custo-benefício de nossas posições frente a objetos sociais. (RODRIGUES, 2005, p. 63)

Dessa maneira, o preconceito, na perspectiva do autor, pode ser considerado um componente cognitivo, quando se refere aos pensamentos que a pessoa possui em

relação ao objeto social, pode ser um componente comportamental (afeto), que é a prontidão para responder, para comportar-se de determinada forma em relação a esse objeto social. Para ele, quando alguém não gosta de pessoas pertencentes a um determinado grupo (político, religioso, racial, etc.), necessariamente tem uma série de pensamentos (cognição) relativos a tal grupo e, ao encontrar um membro desse grupo, manifesta, através de ações específicas, que com ele não se simpatiza (comportamento).

Assim, esses três elementos influenciam-se mutuamente, isto é, há uma tendência a fazer com que afeto, cognição e comportamento sejam coerentes, ou seja, se o indivíduo é contra algo, ele tem cognições acerca desse algo que justificam ou explicam o sentimento negativo e, em consequência, tem tendência a comportar-se de forma hostil ou aversiva em relação a tal objeto. O afastamento, a fuga e a esquivia, nesse contexto, demonstram que a questão da homossexualidade, no seio familiar, ainda é controversa e desestrutura os padrões impostos a essa instituição.

4.3 Reavaliação positiva e resiliência

A resiliência está ligada à capacidade de enfrentamento da pessoa diante de determinadas situações e sua predisposição em crescer, amadurecer e se desenvolver. Pela resiliência, o indivíduo consegue interagir com eventos da vida e acionar processos que possibilitem incrementar a adaptação e a saúde emocional (ANTHONY & COHLER, *apud* PORTELLI, 2001).

Tendo como base esse conceito, pode-se avaliar nas entrevistas, mesmo com dificuldades na aceitação, que a maioria das falas expõe a capacidade de resiliência dos familiares. Observou-se que a aceitação deu lugar à adaptação. É necessário ressaltar que o grupo familiar é uma entidade que adquire crenças e tradições por meio de suas relações que se formam por suas partes em interação e interdependência. Se no momento do confronto com a homossexualidade há um desequilíbrio na família, esse evento assume duas possibilidades: a primeira se refere ao afastamento, fuga, esquivia. Já a segunda, mostra-se relacionada à capacidade de elaboração e adaptação ao evento, conforme se observa nas falas abaixo:

E 04: Hoje em dia digo que é uma experiência que faz sentido por isso digo que realmente ele tinha que ser, talvez se ele fosse heterossexual não daríamos tão certo como a gente dá. Eu adoro. Acho que não poderia ser diferente. Temos dois irmãos mais velhos, ele é o mais novo. Um dos meus irmãos tem a mente mais aberta e eu também, sabia que iria aceitar tranquilamente.

E07: Ainda pretendo estudar mais sobre o assunto. Nunca tive preconceito e continuo não tendo, respeito muito. Acredito que com o passar dos tempos essa exclusão, marginalização do público gay vai mudar, é preciso. Acredito também que as pessoas, público gay, enfatizam muito a orientação sexual e eu vejo a orientação sexual como uma parte, um lado íntimo e que existem outras partes, fatores que as pessoas devem valorizar e considerar, não só a questão da orientação sexual.

E09: Eu penso assim, que a sociedade poderia abrir mais o modo de pensar e devia de diminuir a discriminação, o racismo, né?! Não podia julgar as pessoas do jeito que elas são porque ninguém opta por isso né?! Porque você não quer magoar seu pai, você não quer magoar sua mãe, você não quer magoar seus amigos, então muitos que quer declarar no caso, a sua orientação sexual, às vezes fica trancado no armário por muito tempo por isso, por medo da sociedade julgar né?! Então eu acho o mundo de hoje, as coisas vai mudando muito né?!

E10: [...] aceitar é difícil né. Mas é meu filho. Quero que ele viva a vida dele. Só não quero que ele dê motivos para as pessoas falarem. Também hoje as coisas são diferentes. Não é mais como antigamente [...]

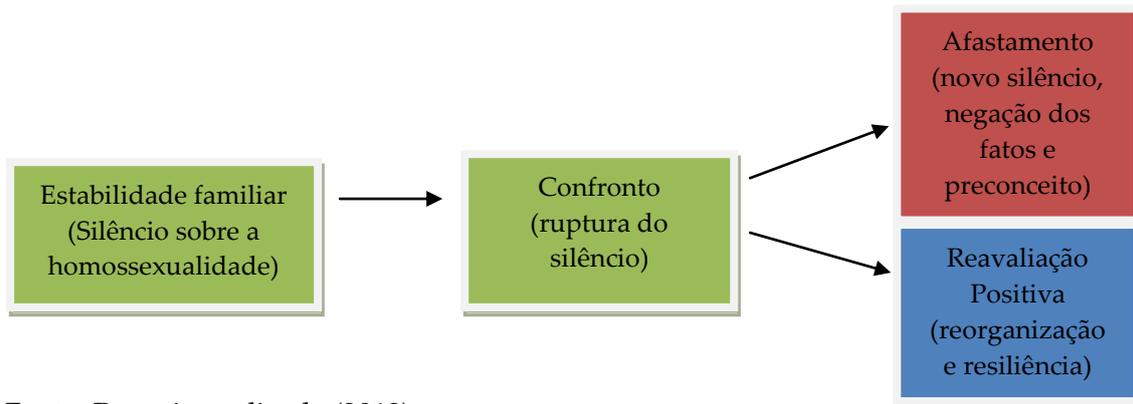
Conforme Agostinho e Sanchez (2002), a dinâmica familiar pode ser entendida como um conjunto de trocas de influências entre seus membros, que se altera em função de fatores socioeconômicos e culturais e do momento do processo civilizatório em que se encontra. Aspectos relevantes da fala, tais como a necessidade de “estudar sobre o assunto” ou, ainda, “a sociedade deveria abrir mais o modo de pensar”, o indicador “hoje em dia” e “hoje as coisas são diferentes, não mais como antigamente” demonstram a adaptação desses familiares, apontando para uma reorganização da dinâmica familiar, ou seja, da necessidade de mudanças no modo de ditar e limitar as condutas de seus membros na busca de um reequilíbrio.

Para Fernández (1991), a dinâmica familiar determina, ainda, o grau de contato com a realidade circundante. Segundo a autora, é essa dinâmica que vai ditar se esse contato é permitido, castigado, proibido ou estimulado. Nas entrevistas, observou-se que o contato com a realidade do sujeito homossexual propiciou a elucidação do preconceito, seja por parte dos familiares ou não, mas também revelou a capacidade de resiliência dos envolvidos.

A resiliência deve ser avaliada tendo como foco o dinamismo das interações e das transições na vida das pessoas, em diferentes momentos do ciclo vital, já que toda experiência individual se dá em ambientes que se apresentam como uma série de estruturas encaixadas, que se complementam e interagem, dentre eles: o contexto (a família, as condições sociais, as experiências de trabalho, as amizades, a escolaridade, a vizinhança), o processo (interações mais complexas do sujeito com as pessoas, objetos e símbolos), a pessoa (características biopsicológicas e construídas na relação com o ambiente) e o tempo (influência no desenvolvimento de mudanças e continuidades que ocorrem ao longo da vida) (POLLETO; COLLER, 2008).

Após uma exposição das categorias a da discussão das falas dos entrevistados, pode-se verificar que a percepção dos familiares e dos eventos por eles narrados seguiu uma trajetória, representada na figura 1:

Figura 1: Trajetória dos eventos na percepção de familiares de homossexuais.



Fonte: Pesquisa aplicada (2013).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, pelo estudo empreendido, que a família constitui-se como terreno propício para a investigação da realidade. No presente caso, buscou-se verificar a percepção de familiares de homossexuais acerca da homossexualidade e as consequências desse evento na dinâmica familiar.

Num primeiro momento, o estudo avaliou a questão do preconceito, dos seus efeitos sobre a vida do homossexual e de sua família, que pode ser considerada, de acordo com Carvalho (2006), como um observatório privilegiado do vínculo social em seus redutos privados e ser pensada como rede, ou seja, como um reflexo da sociedade, como uma sociedade de tipo relacional, interdependente, inscrita numa identidade enraizada em importantes componentes, sejam eles sociais, culturais, políticos.

Partindo dessa premissa, acredita-se que a presente pesquisa traz contribuições relevantes, pois possibilitou respostas a perguntas como: Como as famílias lidam com a homossexualidade? O preconceito pode ser considerado um fato determinante na conduta dos familiares de homossexuais? As famílias abrem mão de que arranjos quando descobrem a homossexualidade de um de seus membros?

Nas falas, verificou-se que o preconceito contra o homossexual se dá não só no momento da “descoberta”, mas bem antes disso. A maioria dos entrevistados enfatizou que sabiam da homossexualidade, mas que sempre preferiram calar-se diante do fato. Essa realidade só veio à tona por iniciativa dos próprios homossexuais que, ao exporem sua orientação, geraram um “desequilíbrio” na ordem familiar. Esse desequilíbrio, por consequência, gerou um confronto, uma ruptura do silêncio.

Com a ruptura do silêncio, o preconceito contra os homossexuais ficou mais evidente, conforme os entrevistados. As famílias preferiram silenciar-se novamente, não fazendo questão de participar da vida dos homossexuais. Esse afastamento ou, até mesmo comportamento de fuga e esquiva, deixa claro o despreparo e a dificuldade das famílias na aceitação dos homossexuais. Esse preconceito é reforçado ainda mais pelas pessoas que se relacionam com a família, o medo do que “os outros vão dizer” e ainda “das piadinhas de mau gosto”, demonstrando que o lugar do homossexual é incerto no

seio familiar. Há um incômodo, um ruído constante que, apesar do silêncio aparente, inquieta, fere e afugenta os membros da família.

Em contrapartida, por meio da Análise do Conteúdo, observou-se, também, o esforço dos entrevistados para adaptarem-se a essa “nova” realidade familiar. Conforme os mesmos, há uma necessidade de se adequar à contemporaneidade, ou seja, há a necessidade de adaptação. Essa adaptação aponta para uma reorganização da dinâmica familiar em relação à homossexualidade de um de seus membros e a necessidade de se conhecer mais sobre o assunto.

Por fim, afirma-se que os resultados indicam, de forma geral, que a homossexualidade é um tabu no que se refere à família. Apesar disso, verifica-se que, mesmo silenciosa, a família adota recursos para “conviver” com essa realidade. Conclui-se que muitos são os desafios a serem superados para que a diversidade sexual seja, enfim, compreendida e aceita em plenitude pela família, que se constitui como componente basal da formação do indivíduo.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, M. L.; SANCHEZ, T. M. *Família: conflitos, reflexões e intervenções*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

AMARAL, Sylvia Mendonça do. *Manual prático dos direitos dos homossexuais e transexuais*. São Paulo: Edições Inteligentes, 2003. (Coleção Perguntas & Respostas).

ARAUJO, Jacy Cristina. *A dinâmica familiar como fator promotor da aprendizagem*. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, 2007.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BIRMAN, Joel. *Mal estar na atualidade: a psicanálise e novas formas de subjetivação*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CARNEIRO, Alberto. *Foucault, a Teoria Queer e Homoparentalidade*. Disponível em: <<http://www.oestrangero.net/michel-foucault/129-foucault-a-teoria-queer-a-e-homoparentalidade>>. Acesso em 10, out. 2013.

CARVALHO, Evelyn Raquel. “*Eu quero viver de dia*”. *Fazendo Gênero*, n.6, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

DAMIÃO, Elaine *et. al.* Inventário de estratégias de enfrentamento: um referencial teórico. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, v.43, n.2, p.1199-1203, mar., 2009.

FACO, Lúcia. Realidade nem tão colorida. *Viver Mente e Cérebro*, São Paulo, 14, n.165. p. 60-63, out 2006.

FERNANDEZ, A. *A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FOLKMAN, S.; LAZURUS, R. S. If it changes it must be a process: study of emotion and coping during three stages of a college examination. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 48, n. 1, p. 150-70, 1985.

GUIMARÃES, Márcia. Relação de afeto e direitos. *Psique: ciência e vida*, v.2, n.16, p.38-45, abr. 2007.

LACERDA, Marcos; et. al. Um Estudo sobre as Formas de Preconceito contra Homossexuais na Perspectiva das Representações Sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2002, v.15, n.1, p. 165-178.

LANE, Silvia T. M. *Psicologia social: o homem em movimento*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. 220p.

MINAYO, Maria Cecília. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec, 2000.

MOTT, Luiz. O lugar do homossexual na sociedade e o preconceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. n.54, ago, 1998.

POLLETO, Michele; KOLLER, Sílvia Helena. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v.25. n.3, jul., 2008.

PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. *Projeto História*, São Paulo, n.22. 9-36 p., jun., 2001.

RODRIGUES, Aroldo. *Psicologia social para principiantes*. 10. ed. atual. Petrópolis: Vozes, 2005. 207p.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2005.

SANTOS, Claudiene. *A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas*. Tese (Doutorado em Ciência). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como ordem simbólica*. *Psicologia USP*, v.15, n.3, p.11-28, 2004.

SAVOIA, Mariângela Gentil. Adaptação do inventário de estratégias de coping de Folkman e Lazarus para o português. *Psicologia USP*, São Paulo, v.7, n.1/2, p.183-201, 1996.

SOLIVA, Thiago Barcelos. *Família e homossexualidade: uma análise da violência*. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br>. Acesso em 25, out. 2013.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. 586p. (Coleção Contraluz).

WINCK, Gustavo Espíndola. Percepções sobre família e rede de apoio social na transexualidade masculina, *Fazendo Gênero*, n.7, 2009.